

# O cinema pelo olhar dos jovens: suas relações na escola e nas redes

**RESUMO:** o artigo apresenta parte dos achados do campo de pesquisa realizado em uma escola do ensino médio integrado, no contexto de uma pesquisa de mestrado e no grupo de pesquisa numa parceria entre duas universidades e a escola pesquisada. Nesse contexto, o artigo em questão procura apresentar dois aspectos destacados pelos jovens nas relações com o cinema: 1) os momentos de exibição e debate de filmes na escola e 2) os momentos de ver filmes fora da escola em casa e os critérios de escolha advindos desse momento de informalidade no ver. Ao apresentar esses dois momentos, evidencia-se o quanto eles estão imbricados e o quanto a formação com o cinema vivida na escola é também mediadora do ver filmes em outros locais. A fala dos jovens aponta como os professores e a formação do olhar ocorrida a escola são levados por eles para as redes e os filmes vistos em diferentes contextos sem, no entanto, desconsiderarem que a família também é uma das mediadoras de suas escolhas nos momentos de informalidade. No entanto, a pesquisa aponta que a escola passa a ter uma atuação mais ampliada do que o esperado continuando a ser referência para eles em outros locais convivendo com outras referências do cotidiano deles. Esse fato é o que mais nos chamou a atenção acerca das relações entre cinema e educação na pesquisa apresentada.

**Palavras-chave:** Cinema. Escola. Jovens. Formação.

Adriana Hoffmann Fernandes  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)  
hoffadri58@gmail.com

Kelly Maia Cordeiro  
Mestre em educação -  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)  
kelly05maia@yahoo.com.br

(1) Os projetos são: "Formação do leitor com imagem e textos em roda de leitura", coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Benjamin Garcia (UCP) e "O cinema e as narrativas de crianças e jovens em diferentes contextos educativos", coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Hoffmann Fernandes (UNIRIO). Os dois projetos já foram finalizados. A pesquisa referida é a de Kelly Maia Cordeiro intitulada "Cinema e juventude: relações criadas dentro e fora da escola", realizada no PPGEDU/UNIRIO sob orientação da professora Adriana Hoffmann.

## Introdução

O objetivo desse artigo é trazer algumas das questões/reflexões surgidas no trabalho realizado em um dos campos de pesquisa do grupo Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação (CACE), no Ensino Médio Integrado (EMI) de um colégio estadual do interior do estado do Rio. Por isso, se concentrou em procurar pistas que apontassem os caminhos trilhados pelos jovens nas relações com o cinema dentro e fora da escola, tendo por objetivos: refletir com os jovens sobre o cinema apresentado na escola, na busca de sentidos para a relação entre o cinema e a educação no ponto de vista deles; destacando e refletindo sobre como o cinema faz parte da vida dos jovens em contextos institucionais ou não.

Tal pesquisa teve seu campo realizado na articulação de dois projetos de pesquisa<sup>1</sup> que foram realizados conjuntamente na escola de ensino médio com os professores coordenadores desses projetos e todos os envolvidos na equipe da escola e da Universidade (mestrandos e bolsistas).

O artigo é um recorte da pesquisa referente ao olhar dos jovens para o cinema a partir da experiência vivida na escola e fora dela,

(2) MSN (MSN Messenger): era um programa que permitia conversas instantâneas entre usuários conectados à internet em qualquer parte do mundo.

nas redes sociais e no cotidiano. Ocorreu a partir da exibição e debate de filmes, entrevistas, conversas *on-line* e Facebook com os jovens participantes e apresenta algumas das relações com o cinema trazidas por eles em diálogo com autores estudiosos da área de Cinema e Educação.

Interessante notar como o contexto onde a pesquisa foi realizada é um pouco diferenciado do atual. Em 2013, momento em que a pesquisa se realizou, o MSN<sup>2</sup> era o espaço virtual mais acessado entre os jovens. Percebe-se que hoje esse espaço já foi amplamente substituído pelo Whatsapp, as relações dos jovens do ensino médio hoje após o processo de ocupação vivido na maioria das escolas já traz novos contornos. No entanto, a pesquisa realizada aponta questões importantes na ótica das relações entre Cinema e Educação vividas dentro do espaço escolar que podem trazer – mesmo no contexto atual – reflexões relevantes acerca das relações entre juventude e escola nesse convívio com o audiovisual aqui voltado mais especificamente para o cinema.

### **Pesquisa-intervenção no ensino médio – apresentando o percurso**

A pesquisa realizou-se dentro dos pressupostos da pesquisa-intervenção a partir das leituras de Moreira (2008), que traz cinco aspectos relevantes em que se insere a pesquisa-intervenção: acontece nos espaços do cotidiano dos jovens; a demanda da pesquisa é o que desencadeia o processo que remete a outras demandas; as tensões que surgem no campo são objetos de análise, pois o pesquisador se coloca como mediador no processo; o sujeito da pesquisa é agente ativo do processo; a interação que surge ao longo do processo afeta o pesquisador; e, por último, o entendimento de que nesse processo de pesquisa-intervenção o ato de conhecer e o de intervir não se separam. Compreendendo que os espaços sofrem diferentes processos de mediação, cada fazer se constitui de forma diferenciada e, portanto, o campo será afetado por esses movimentos.

Entendemos que pesquisar sobre o cinema na escola na perspectiva da pesquisa-intervenção traz como desafio entender que o cinema é visto como parte de uma formação estética e audiovisual tal como Duarte e Alegria (2008) a abordam. A

condução do trabalho na escolha dos filmes, debates e registros foram ações do processo de pesquisa-intervenção.

O campo da pesquisa se constituiu na disciplina “Comunicação Crítica”, às quartas-feiras, em encontros mensais de sessões de filmes e debates. A professora da turma sempre esteve presente, pois se tornou parceira nesse processo. Os filmes foram escolhidos em comum acordo entre escola e universidades, abrangendo o foco das pesquisas e o interesse da escola. Assim, os filmes escolhidos tiveram a característica de serem histórias adaptadas de obras literárias e, antes da exibição, os jovens tinham acesso a algum tipo de literatura referente ao filme, como: o próprio livro, resenha, textos produzidos pelos docentes, entre outros. Os debates eram realizados pós-filme e os jovens eram os autores, escrevendo textos como resenhas sobre a obra lida, assistida e debatida, e produzindo outros materiais acerca dos mesmos.

Inicialmente, foram realizados encontros com os jovens do EMI para a exibição e debate dos filmes: *O leitor*, *O carteiro e o poeta*, *Fahrenheit 451*, *Adeus Lenin!*, *Ensaio sobre a cegueira*, *Balzac e a costureirinha chinesa* e *Edifício Master*. Todos com temática diversificada, de países variados e formas de se contar a história que não seguem um padrão esperado, como nos filmes de grande apelo comercial. Para esses momentos utilizamos o registro em diário de campo, as gravações dos debates e a análise das produções realizadas pelos jovens.

A sala usada para o projeto tem a mesma composição das salas de cinema, passando a ideia de um cinema no contexto do espaço escolar. O espaço físico para nós é importante porque tem a intenção de representar a mesma atmosfera das salas de cinema, assim como explicita Dubois (2012) sobre o dispositivo cinema. A sala segue uma organização espacial que permite a dinâmica entre o que o autor chama de ingredientes que compõe essa atmosfera de exibição na grande tela. Dentro dessa perspectiva, a atmosfera do cinema é reproduzida na escola e a apropriação do sentido, do clima do cinema é materializada a cada sessão, momento em que percebemos a interação dos espectadores com a obra. O fato de a escola ter um espaço que reproduza esse contexto de projeção nos mostra a importância do espaço como parte da formação nesse contexto escolar, contribuindo para o que Coelho (2012) considera a “cultura do cinema”, o que vai além do filme, o que constitui a atmosfera, as

trocas, as leituras e críticas, o conhecimento dos diretores, aspectos que compõem esse universo que cerca os filmes vistos.

As sessões ocupavam o período todo da manhã, com a participação em média de duas turmas, duas professoras do EMI, dois professores da universidade e quatro orientandas que formavam o grupo de trabalho e pesquisa do contexto do EMI, dividindo as tarefas de registros e mediação dos debates.

Após a exibição do primeiro filme –*Adeus, Lenin!*– tomamos a iniciativa de fornecer o endereço do MSN para alguns alunos que concordaram em dar continuidade ao diálogo sobre filmes através desta interface, mas o retorno não foi o esperado. No segundo encontro com o filme “Ensaio sobre a cegueira” usamos outra estratégia: solicitamos o endereço do MSN daqueles que gostariam de continuar a conversa sobre cinema.

Todos os encontros foram registrados em diários de campo, procurando utilizá-lo para descrever nossas impressões durante a permanência na escola, antes, durante e após a exibição dos filmes. Com base nessa relação de reciprocidade, colaboração e mediação entre pesquisadores e campo, a pesquisa foi se constituindo, focando como objeto de estudo a relação dos jovens com o cinema e os diálogos sobre o cinema não somente nos debates, mas também por conversas *on-line*. Entendendo que esta interface se constitui por atividades diversas, sem linearidade, formato e tempo definidos, a pesquisadora passa a estar *on-line* mais frequentemente e, à medida que percebia os jovens também *on-line*, solicitava a permissão para uma conversa, que geralmente não iniciava por questões da pesquisa, mas a partir de assuntos do cotidiano. No entanto, mesmo reconhecendo que em todo o processo da pesquisa foi necessário o olhar atento sobre o percurso, para as questões previstas e imprevistas da investigação, o campo apontou a necessidade de aprofundamento da observação que foi feita a partir de realização de entrevistas com alguns dos jovens participantes das sessões do EMI, além de contatos com os jovens pelo MSN e Facebook.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) defendem que os estudos da cibercultura sejam realizados pela abordagem cultural e enquanto artefato cultural, pois seus conteúdos são gerados na comunicação entre sujeitos. Os estudos da cibercultura expressam relações diretas com os conteúdos produzidos e compartilhados nas diferentes interações dos sujeitos, não é dado um espaço

delimitado, mas este é entendido como aspecto da vida cotidiana. Os *status off-line* e *on-line* são partes que fluem e se entrelaçam a todo instante na produção e interação dos sujeitos pelos diferentes espaços que circulam. A pesquisa, ao alternar sua comunicação com os jovens entre o *off-line* e o *on-line*, se desenrolou de forma não linear nos espaços da cibercultura, configurando a atuação dos jovens como autores da cultura contemporânea.

Em relação à identidade dos atores da pesquisa, agimos como discutem Fragoso, Recuero e Amaral (2011) ao afirmarem que o caminho eticamente recomendável, é que o pesquisador se identifique e apresente o seu interesse de pesquisa, pedindo as permissões necessárias para o uso das informações obtidas em postagens e em conversas com os participantes das comunidades e fóruns. Nesse sentido, buscamos junto aos jovens saber como gostariam de ser identificados na pesquisa. Na conversa surgiu a ideia de que fossem nomes de atrizes e atores que expressassem algum significado para eles, pois na entrevista se mostraram empolgados com o desempenho profissional de alguns atores e atrizes do cinema. Assim, os jovens foram identificados nas falas trazidas na pesquisa por alguns desses nomes. Foram escolhidos nomes como Tony Ramos, Glória Pires e Angelina Jolie entre outros que foram de escolha pessoal de cada um deles.

### Modos de perceber o cinema pelo olhar dos jovens do EMI

No período em que ocorreu a pesquisa foi recorrente na fala dos jovens a percepção de que a partir da entrada no EMI o olhar sobre os filmes mudou. Como os jovens da pesquisa vivem no dia a dia da escola a experiência do cinema, percebemos que é possível realizarem diferentes leituras acerca dos filmes que não se restringem às salas de exibição, transformando e sendo transformados pelos processos culturais vividos na escola, cabendo aqui refletirmos sobre a questão: que outros modos de ver filmes são trazidos pelos jovens pesquisados dentro desse contexto?

Vimos que é possível a relação entre cinema e escola, compreendendo que tanto o cinema quanto a escola estão inseridos num contexto maior. A partir da narrativa de três jovens, trazemos algumas das questões surgidas para reflexão acerca do cinema como espaço de formação dentro dessa escola pesquisada:

*Eu acho que a partir do momento que você entra pro EMI você já muda totalmente o seu modo de ver filme, seu modo de perceber, seu modo de ler. Entendeu? Então eu acho que quando a gente está assistindo o filme aqui, o professor quando está aqui presente ele dá pra gente uma abertura boa de conversar, de falar. (Glória Pires, grifo nosso).*

*A gente já olha assim, você vê um filme normal, na televisão, coloca lá na Globo e vê um filme normal. Aqui você chega e depois que você sai daqui, a gente já chega com aquele olhar crítico, falando “Nossa, olha, o que isso vai acrescentar?” A gente acaba tirando algumas coisas, a gente acaba às vezes vendo um filme normal. Ah, um romance, sei lá, a gente não percebe, mas aquilo sempre influencia um pouco na nossa vida. E essa coisa do olhar crítico é fundamental, né? Porque não é só em um filme, é fundamental em todas as questões você ter um olhar crítico pras coisas, pra você saber ler, falar. (Meryl Streep, grifo nosso).*

*É legal de ver que a gente muda vários fatores na nossa vida. A gente olha as coisas de uma forma bem diferente, tanto o filme quanto a vida. É até ruim a gente falar que a gente só aprendeu um olhar crítico, não é não, a gente aprendeu a olhar nossa vida, né? Nossa vida toda já é um filme e pode mudar a qualquer momento, cada cena. (Jane Fonda, grifo nosso).*

Os olhares que as jovens demandam nessas falas estão relacionados à aprendizagem construída pela prática escolar nas diferentes atividades de leitura com filmes com mediação dos professores da escola e do grupo da universidade. Nessas situações, os envolvidos provocam-nos a pensar, a ir além da primeira impressão, ampliando o olhar acerca dos filmes vistos.

Os jovens apontam que a experiência do EMI “mudou o modo de ver os filmes”, seus modos de ler, e que aprenderam não só “um olhar crítico”, mas um olhar para a vida. Quando os jovens afirmam que passam a “olhar as coisas de forma diferente”, “tanto nos filmes quanto na vida” nos apontam que há uma dimensão formadora na experiência vivida por eles. Entendemos que o cinema tem um vasto horizonte de possibilidades, e que o cinema na escola - independente de estar atrelado a um conteúdo específico - mostra que a escola está disposta a pensar o cinema ampliando-o. E com Bergala (2008, p. 39) podemos afirmar: “a arte é o que resiste, o que é imprevisível, o que desorienta num primeiro momento. A arte tem que permanecer, mesmo na pedagogia, um encontro que desestabiliza o conjunto de hábitos culturais”. Assim como discute

Duarte (2009), a linguagem cinematográfica na educação possibilita construir outros sentidos para discursos já vistos e desdobrados, dando ao receptor uma visão mais completa do mundo, sintonizado com seu tempo e espaço, ensinando dessa forma a busca de novos sentidos da realidade.

O espectador é envolvido e interage no contexto geral do filme pela fruição estética, abrindo-se para o enriquecimento da sensibilidade e de novas possibilidades ao dialogar com seus pares no encontro com a arte como espaço de alteridade – esta entendida, como possibilidade de diálogo, troca, ampliação do olhar mediante a troca e opiniões dos sujeitos (BERGALA, 2008).

A possibilidade de encontro com o outro, como nos diz Bergala, é vivida pelos jovens nos debates realizados a partir dos filmes exibidos na escola. As falas dos jovens a respeito dos debates nos permitem perceber a dimensão de alteridade:

*Os alunos interagem... Às vezes me perco, mas é o momento em que a parte que eu não entendi começo a entender, é a hora que a visão de cada um sobre o que vimos se encaixa. (Meryl Streep).*

*Muito legais, a princípio eu era muuuuito calado, mas depois eu comecei a me soltar e foi fluindo um pouco mais. Porque a gente aprende a falar melhor e aprende mais, trocando informações. (Rodrigo Santoro).*

*Acho bom, porque há troca de opiniões, ideias, concepções sobre determinado filme. Além de você poder fazer em grupo, uma análise mais profunda da obra. (Elizabeth Taylor).*

*[o debate]Ajuda sim, o nosso olhar muda. A gente presta mais atenção aos filmes, não vemos mais porque disseram que a história é boa ou porque bateu recorde de bilheteria. Nós prestamos atenção aos detalhes, detalhes que talvez sem o EMI não perceberíamos e alguns filmes não teriam a tal apreciação que têm. (Leticia Persiles, grifo nosso).*

Quando dizem que no debate “começam a entender”, “aprendem a falar melhor”, “podem fazer em grupo uma análise mais profunda da obra” e por fim o “olhar muda” percebe-se o papel formativo desse momento vivido na escola. Nas falas citadas acima, grifamos aspectos que corroboram e dão sentido ao que entendemos como possível e na relação entre o cinema e a educação. Autores como Duarte (2009) concordam com a necessidade de se “educar o olhar” para o cinema enfatizando que a escola deveria ser também esse

lugar para desenvolver esse tipo de relação formativa. Realizar interpretações da imagem, estabelecer hipóteses sobre a intenção do diretor, perceber composições de objetos, cores, som e outros são questões que podem ser suscitadas num debate após a exibição do filme.

As narrativas que os jovens fazem no contexto da escola, do cotidiano com o cinema, nos indicam uma relação que movimenta seus pensamentos ao longo desse processo de formação vivido durante um bom tempo na escola ruminando aprendizagens como expresso na fala a seguir:

*A gente fica o dia inteiro conversando, viu aquela cena? Viu como é maneiro? Viu o que o diretor quis passar? Não só o dia inteiro, mas o ano todo, a gente fica: lembra aquele filme? Aquele? Qual? Um vai lembrando, vai lembrando... E vai comentando, que fez tal coisa, e vai todo mundo lembrando. (Angelina Jolie, grifo nosso).*

O filme toca, envolve, fica na mente, provoca reflexões, fazendo com que essa troca em conversas coletivas se alongue na escola para além do momento de exibição do filme. Medeiros (2009, p. 5) – a partir do que traz Benjamin – explica que a “experiência de ver um filme não é apenas lazer, mas uma experiência estética, uma maneira de ver o mundo.” Nesse sentido, o ato de ver e debater filmes se constitui como experiência prazerosa, de troca de saberes e de construção de subjetividades. O ponto de vista que cada um constrói sobre o filme é fruto do próprio aprendizado e se expressa, por exemplo, ao se pensar na linguagem que caracteriza o cinema. O debate amplia a experiência de ver o filme assim como uma narrativa que se conta e se reconta continuamente como discute Benjamin (1994). Quando a jovem fala que “o ano todo a gente fica lembrando daquele filme...” aponta que a prática de debater sobre os filmes possibilita que estes se constituam como “experiência” para os sujeitos que o rememoram continuamente. Tornam-se narradores dos filmes vistos nesse ressignificar e recontar das narrativas vistas uns para os outros.

Os jovens falam sobre a prática cultural de exhibir, debater e produzir filmes na escola e trazem contribuições para a ampliação dos modos como olham para os filmes. Como o cinema faz parte do currículo e tem como objetivo o interesse de buscar “o olhar mais abrangente”, pensar sobre o cinema na proposta de Fantin (2011), aprofundando o sobre/com o cinema, é acima de tudo, reconhecer



os aspectos educativos através da leitura, da interpretação, da análise e da produção. Pensar sobre o cinema é algo que faz parte da formação e da proposta vivida nessa escola, mas que se torna bem visível no campo de pesquisa quando ocorre um “pensar junto” pela parceria realizada para efetivação do campo.

Os jovens pesquisados estão em tempo integral na escola e nela iniciam as práticas com e para o cinema que experienciam, sinalizando o desenvolvimento no olhar de uma maneira diferente, ampliada, tanto para interpretar melhor o desenrolar das narrativas filmicas, quanto para o aprendizado a partir do cinema, passando a buscar compreender melhor o contexto dos filmes dentro da sociedade em que vivem. Fantin (2006) chama atenção para essa rede de saberes e pluralidade que o cinema nos traz, o que nos faz refletir ainda mais sobre os desafios e os sentidos construídos nessa relação com o cinema na escola.

Se estamos falando de uma revolução no olhar, não podemos deixar de pensar os meios técnicos que nos permitem esse desenvolvimento, o que certamente corresponde aos avanços da tecnologia que vem sendo pautada ao longo dos tempos pelos processos culturais. Sobre o produzir cinema na escola, Fresquet (2010) chama atenção do educador e da escola para as condições de recursos e as pequenas produções que podem ser desenvolvidas nos dias de hoje:

[...] as novas tecnologias vêm produzindo uma pequena, embora significativa, revolução nas relações da escola com o cinema. A leveza e a simplicidade de operação de equipamentos e programas de edição, cada vez mais acessíveis em custo e uso, facilitam que o cinema penetre o espaço escolar a partir de diversas iniciativas de produção simples: curtas-metragens de animação e ficção; documentários; cinema-teatro; pequenas filmagens com celulares ou câmeras digitais de fotografia, para citar alguns exemplos. Essas produções pretendem aproximar, de um modo cada vez mais contundente, a experiência do cinema e a educação formal. (p. 204).

A proposta condensa a tecnologia e o fazer, tendo em vista que se trata de um processo que, de acordo com Fresquet (2010, p. 205), “associa arte e cultura ao processo de criação e significação de imagens em movimento no pensamento e no agir dos sujeitos”.

Os sujeitos dessa pesquisa estão sendo estimulados a pensar o cinema para além desse contexto do entretenimento cotidiano. No

entanto, assim como o cinema traz questões dentro da escola, os jovens também vivem relações com o cinema em outros espaços fora da escola e, por conseguinte, levam o que vivem na escola para esses outros espaços. Desta forma destacamos dois modos de relação com os filmes surgidos na pesquisa: os modos de assistir a filmes e critérios de escolha de filmes.

Os modos de assistir a filmes apontam para o estilo como os jovens se relacionam indistintamente com o cinema fora do contexto escolar e mostram inter-relações entre os diferentes contextos por eles vividos na relação com o cinema. Encontramos nas falas dos jovens a preferência em assistir a filmes com sujeitos que tem o mesmo aprendizado.

*Eu já me dei mal por causa disso por que eu já tentei ver filme com alguém que não entende do que a gente tá falando. E eu sou o tipo de pessoa que quando eu aprendo alguma coisa eu fico naquilo o tempo inteiro, então eu vejo um filme e fico: 'Caraca, ângulo aberto, ângulo não sei o quê...', aí a pessoa pergunta: 'O que você tá falando?', e eu: 'Não, nada não, um negócio aí.' Eu tentei ver filme com o meu namorado, mas não deu. Ele desistiu de ver filme comigo porque eu falava mais dos ângulos que da própria história do filme, e o final do filme eu não gostei, podia ter terminado de outro jeito. E ele: 'Ah, eu gostei do filme, eu não reparei em nada não.' 'É claro que você não reparou em nada, só repara quem tem aquela prática'. (Jane Fonda, grifo nosso).*

Ao que parece, o sentido de assistir com “*quem tem o mesmo aprendizado*”, assim como fala a jovem ao dizer que “*só repara quem tem aquela prática*”, demonstra que ela fala do ponto de vista de explorar a técnica, a imaginação e criatividade, de “*brincar*” com a composição da narrativa apresentada pelo filme com alguém que não vai achar “*chato*” ou enfadonho conversar sobre o ponto de vista várias vezes. O “*ver com o outro de mesmo aprendizado*” configura uma comunidade interpretativa. Entendemos comunidade interpretativa segundo a definição de Varela (1999), ao afirmar que os sujeitos se agrupam compartilhando regras e estratégias de leitura que fixam uma aceitabilidade interpretativa, permitindo a fluência na comunicação, o intercâmbio e a coincidência de interpretações. O grupo se faz pelo sentido e pela ideologia comum que estrutura a recepção e o desejo de estar junto.

Outro aspecto relativo ao modo de assistir refere-se a assistir no computador ou na TV e assistir *#tudoaomesmotempo*. Atualmente,

em nosso contexto social, convivemos com constantes ampliações nos meios de reprodução fílmica, o que nas leituras de Lemos e Cunha (2003) significa uma reconfiguração no cenário da comunicação e, portanto, do consumo dessa geração. Essa forma de relação com o cinema, atrelada ao modo de ver pelo computador – e mais atualmente até mesmo pelo celular e tablet – parece estar mais claramente relacionada com as práticas derivadas da comunicação pelas mídias que pode ser reproduzida em diferentes telas pelas versões disponibilizadas na cibercultura como transparece nas falas dos sujeitos:

*Eu procuro os meios tradicionais gosto de ir ao cinema, alugar, comprar, gosto muito de comprar porque gosto de assistir mais de uma vez. Minha mãe se revolta comigo porque às vezes eu passo uma semana vendo o mesmo filme. (Tony Ramos).*

Outra jovem relata que assiste #*tuãoaomesmotempo*:

*Eu vejo filme, fico no Facebook e ao mesmo tempo no MSN. (Glória Pires).*

De acordo com García Canclini (2010), o contexto das mídias atuais reorganiza o cenário cultural, o que gera tensões em relação ao território geográfico e social em torno da desterritorialização e reterritorialização, a exemplo do próprio cinema, que num processo de adaptação se encontra voltado para diferentes mídias. Isso quer dizer que os meios clássicos de manifestações culturais transformam-se na relação com a cibercultura, os celulares e a outras formas de acesso a narrativas fílmicas na atualidade por diferentes formatos e plataformas.

Ao discorrer sobre a evolução no processo de audiência, Orozco Gómez (2009) considera que o papel do emissor e do receptor nas mídias contemporâneas não se fixa isolada, cada um no seu polo, pois temos hoje uma constante passagem de um pólo a outro. A narrativa explicitada pela jovem, quando compõe esse caminhar “entretelas”, demonstra que ela interage com diferentes fontes de emissão e de participantes. Na convergência das telas, ora a jovem é a emissora, ora é a receptora. Enquanto na primeira situação, o jovem assiste ao filme de uma forma mais lenta, “degustando”, apreciando as cenas, na outra ela não se incomoda em assistir ao filme conectada a outras mídias. Essas são formas distintas e atuais de consumir filmes e vídeos que surgem nas práticas

desses jovens. A afirmação de alguns dos sujeitos: “Gosto muito de comprar porque gosto de assistir mais de uma vez”, demonstra um consumo pensado de escolha de gosto e de aquisição material. Ele compra não só para ter o produto, mas também, pela possibilidade de assistir mais de uma vez de construir uma relação diferenciada – de fruição - com aquele filme.

A escolha por ver um filme “*mais de uma vez*” transforma-se num critério de escolha e, compreendendo que a recepção fílmica se relaciona diretamente com a comunicação, o consumo e o conjunto das práticas sociais e culturais fazem parte dos critérios de escolha dos filmes desses jovens. Nesse aspecto, destacamos os seguintes critérios de escolha dos filmes que levantamos na pesquisa a partir das falas deles: 1) Indicação da professora; 2) Escolha a partir do aprendizado na escola; 3) Opção pessoal/emoção do momento; 4) Família colaborando nos critérios de escolha dos filmes. Percebe-se claramente o papel da escola e da família nos critérios de escolha trazidos pelos jovens pesquisados nessa escola. Destacamos para discussão nesse artigo apenas os dois critérios relacionados a escola como aparece na fala dessa jovem:

*Às vezes eu peço, pergunto [as professoras] se elas tem alguma dica de filme maneiro, ou então vou na locadora e leio a sinopse, se eu achar que o filme parece ser bom, tem filmes que elas trazem que parecem ser chato e chega o final eu falo: ‘Meu Deus, eu não acredito que é isso, muito bom!’(Angelina Jolie, grifo nosso).*

Nessa passagem percebemos tanto a busca de dicas de filmes “maneiros” a partir da indicação das professoras como também a surpresa da jovem com o desenrolar final do filme, e uma certa satisfação com o desfecho do filme indicado pela professora. O que mais nos chama atenção é a transformação do olhar, o jovem sabe que a indicação da professora não será qualquer uma, o filme será de “peso”. Com a prática na escola, a jovem constrói seu próprio critério de escolha dos filmes e, assim, as escolhas deles passam a ser mais elaboradas, como transparece na fala desse jovem:

*Desde pequeno eu sou apaixonado em romance policial, investigação, depois deu ter aprendido muito sobre cinema eu já não tenho mais paciência para ficar vendo carro explodindo, sanguezinho voando à toa sem motivo, então os filmes que eu procuro, se tiver um carro explodindo ou coisa parecida tem que ter um motivo, ele tem que saber se usar dessas tecnologias todas que a gente vê hoje no cinema*

*pra criar uma situação de porque usar. Não suporto mais filme blockbuster, tem que ter um sentido do começo ao fim. [...] Evito tanto, mas alguns a gente vai ver pra zoar... Procuo mesmo se tem uma cor porque, se tem uma imagem. Procuo saber sobre o diretor, os diretores já criam uma certa identidade nos filmes. Se você vê um filme do Tim Burton vai ter uma certa identidade, Tarantino vai ter outro, e assim vai. (Tony Ramos grifo nosso).*

O jovem Tony Ramos fala que “não suporta mais filme blockbuster”, que os filmes de sua escolha não serão, na sua maioria, um espetáculo de bilheteria, como indicam os filmes considerados *blockbuster*. Ele diz que “Desde pequeno eu sou apaixonado por romance policial”, mas que agora (depois do EMI), só faz sentido buscar por esses filmes se tiver um sentido, um envolvimento que justifique a ação e que “busca os filmes pelos diretores o que cria uma certa identidade nos filmes”. Só essa fala já nos mostra como as aprendizagens com o cinema na escola os ajudam a afinar o olhar e criar outros critérios de escolha que antes não possuíam.

## Reflexões acerca das pistas apresentadas pelos jovens

Nos diferentes espaços e tempos que constituem locais de acesso ao cinema – incluindo aí a escola e a cibercultura – a fruição e debate sobre os filmes trazem elementos formativos para eles. Percebemos – de acordo com as falas dos jovens – que o aprendizado com o cinema começa na escola e se estende a outros espaços. Esses jovens se constituem como espectadores tanto na escola quanto nos demais espaços sociais. No entanto, sobressai na pesquisa o papel da escola nessa formação já que demonstram que o aprendizado maior recai sobre a narrativa dos filmes e sobre a linguagem cinematográfica, aspectos do currículo da escola em sua formação profissional.

A reflexão que traz o jovem do EMI, Tony Ramos, quando fala: “Eu não estava fazendo qualquer coisa, não tava só assistindo filme pra aprender como os outros fazem filmes, mas também criar uma identidade nos nossos filmes” aponta que o sentido construído por esse jovem relaciona-se aos processos de aprendizagem que fazem parte do seu cotidiano nesse momento. Ele não quer imitar um cineasta, quer aprender com ele e sobre ele para desenvolver a sua criação. Na perspectiva do cinema e educação, Bergala (2008, p. 35) defende esse sentido ao falar de “uma abordagem do cinema

como arte: aprender a tornar-se um espectador que vivencia as emoções da própria criação” torna-se fundamental.

Os jovens da pesquisa apontam todo o processo formativo do cinema na escola no diálogo e construção cotidiana dos modos de debater, assistir e construir uma crítica dos filmes com/através e a partir das relações criadas por eles nesse espaço. Nesse sentido, trabalhar o cinema na escola num horizonte formativo, processual, de desenvolvimento do olhar estético é também buscar por uma pedagogia que dá sentido ao ver para, aos poucos possibilitar a transformação do olhar que percebemos que esses jovens estão vivendo. Cinema e educação podem sim conviver e enriquecer um ao outro. A pesquisa nos ensinou isso.

### The cinema by the eyes of young people: their relationships at school and networks

**ABSTRACT:** This paper aims to present the fieldwork results of a research carried out at a high school. Besides integrating this master's research, this fieldwork is also part of a research group and happened through a partnership between two universities and the researched school. In this context, this paper seeks to bring up two aspects highlighted and lived by young people in regard to cinema: 1) film screenings and debates at school and 2) watching movies outside school, at home, and the selection criteria that comes from these informal “watching” moments. These two aspects are interconnected and show how the education linked to cinema at schools is also a mediator when it comes to watching movies at other places. The young people mentioned how they take teachers and the development of the look at school into consideration on networks and on watching movies in different contexts, without disregarding that family is also one of the mediators of their choices at informal moments. However, the research indicates that the school happens to have a broader influence than expected, continuing to be a reference to them at other places, along with other references of their daily lives. Thus, we highlight this fact as the one which drew our attention to the relations between cinema and education in this research.

**Keywords:** Cinema. School. Young people. Education.

### Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.

BERGALA, Alain. *A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

- GARCIA, Pedro Benjamim. *Formação do leitor com imagens e textos em rodas de leitura*. Projeto de pesquisa Rio de Janeiro: Universidade Católica de Petrópolis, CNPq, 2010.
- COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- CORDEIRO, Kelly Maia: *Cinema e juventude: relações criadas pelos jovens dentro e fora da escola*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- DUARTE, Rosália; ALEGRIA, João. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. *Educação e Realidade: dossiê cinema e educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 59-80, jan./jun. 2008. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6687>>. Acesso em: 8 mar. 2016.
- DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DUBOIS, Philippe. *Le cinéma d'exposition*. Palestra proferida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2 abr. 2012.
- FANTIN, Monica. Mídia-educação, cinema e produção audiovisual na escola. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 6., 2006, São Paulo. *Anais...*, São Paulo, 2006. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r0652-1.pdf>>. Acesso em: mar. 2016.
- FANTIN, Monica. *Crianças, cinema e educação: além do arco-íris*. São Paulo: Annablume, 2011.
- FERNANDES, Adriana Hoffmann. *O cinema e a narrativa de crianças e jovens em diferentes espaços educativos*. Projeto de Pesquisa, FAPERJ. 2010
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FRESQUET, Adriana Mabel. Cinema como arte na escola: um diálogo com a hipótese de Alain Bergala. In: LEONEL, Juliana; MENDONÇA, Ricardo Fabrin (Org.). *Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Coleção Comunitária e Mobilização Social, 7).
- LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MEDEIROS, Sérgio Augusto Leal de. Cinema na escola com Walter Benjamin. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 32., Caxambu-MG, 2009. *Anais eletrônicos...* Caxambu: ANPEd, 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5653--Res.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

MOREIRA, Maria Ignez Costa. Pesquisa-intervenção: especificidade e aspectos da interação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. In: CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes. *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: NAU; FAPERJ, 2008.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Entre telas: novos papéis comunicativos das audiências. In: BARBOSA, Marialva; FERNADES, Márcio; MORAIS, Osvaldo José (Org.). *Comunicação, educação e cultura na era digital*. São Paulo: INTERCOM, 2009. p. 167-181.

VARELA, Mirta. De las culturas populares a las comunidades interpretativas: fragmentación e consenso en el campo de comunicación y cultura. *Revista Diálogos de la comunicación*, n. 56, out. 1999. Disponível em: <<http://www.periodismo.uchile.cl/talleres/teoriacomunicacion/archivos/varela.pdf>>. Acesso em: 8 fev de 2016.

XAVIER, Ismail. Um cinema que educa é um cinema que (nos) faz pensar. Entrevista. *Educação e realidade: dossiê cinema e educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6683>. Acesso em: 8 fev de 2016.

Submissão: 28/10/2016 Aceito: 03/05/2017